



DISCURSO INAUGURAL DA SALA DO PALEOLÍTICO DE RÓDÃO NO MUSEU FRANCISCO TAVARES DE PROENÇA JÚNIOR (1981)

Inaugural speech of the Ródão Paleolithic Room at the Francisco Tavares de Proença Júnior Museum (1981)

Domingos Alves Dias, antigo Presidente da Assembleia Municipal de Vila Velha de Ródão

Palavras-chave: Museologia, Paleolítico, Castelo Branco

Key words: Museology, Paleolithic, Castelo Branco

Vila Velha de Ródão, 2021



Senhor Director do Museu Tavares Proença¹

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Neste desejado momento da inauguração da sala que no Francisco Tavares de Proença Júnior ficará a testemunhar a presença do ser humano dos longínquos tempos do Paleolítico na área do atual concelho de Vila Velha de Ródão, peço a V. Exas permissão para, como filho daquele concelho, aqui trazer algumas breves palavras de regozijo e que também possam traduzir reconhecimento, melhor dizendo, gratidão.

Com efeito, a inauguração a que temos o grato prazer de assistir, colocando-nos em presença de um facto relevante da nossa vida cultural, é também para mim a expressão material de um conceito através do qual sustentei, há bastante tempo já, que a história de Vila Velha de Ródão e do seu concelho, fortemente omissa nos textos escritos, estava soterrada e disseminada pela área do seu território.

Como pacificamente está admitido, Vila velha de Ródão é uma povoação antiquíssima, cuja fundação se perde na lonjura dos tempos idos, mas não apresenta, todavia, marcas visíveis que possam significativamente basilar a sua vetusta idade e passado. Mas, sendo o concelho bordejado em toda a sua face sul pelo maior rio português e da Península Ibérica - esse formoso Tejo que desde os montes de Albarracín sulca terras de Espanha e de Portugal até dar lugar a um dos portos e estuários mais bonitos e importantes do mundo - a fabulosa Lisboa -

¹ Nota do editor: este discurso foi proferido por Domingos Alves Dias em 11 de abril de 1981 na sessão inaugural da Sala do Paleolítico de Ródão no Museu Francisco Tavares de Proença Júnior, em Castelo Branco. Foi publicado em 1986, por gentileza do autor, no nº 6 do boletim informativo *Preservação*, editado pelo Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. As imagens alusivas ao evento (cartaz e separata) foram inseridas nesta edição. Domingos Alves Dias foi presidente da Assembleia Municipal de Vila Velha de Ródão, pelo Partido Socialista, e fundador, há 37 anos, do mensário regionalista intitulado *O Concelho de Vila Velha de Ródão* que ainda se publica. O crédito da fotografia da capa é de <https://sites.google.com/site/ccvvrodão/>

natural seria admitir que em muitos pontos do seu trajeto e do seu vale, como demonstrado está, o ser humano se tivesse fixado, estabelecendo ali o seu habitat e formando comunidades das quais Vila Velha e o seu termo será uma delas, a mais modesta talvez das situadas em território português. Estas hipóteses, que com alguma lógica poderiam ser erguidas, resultam naturalmente ao considerar-se que os grandes rios foram sempre, em todos os tempos da história da humanidade e em qualquer lugar, vias de penetração ou de percurso a quem do mar ou para o mar guiasse os seus passos. Dai a conclusão que enformou o meu pensamento para o conceito expandido.


A magnífica realidade representada pelo recheio desta sala, em que se reconstituiu um acampamento de caçadores-recolectores de há cem mil anos, descoberto na margem direita do rio Tejo, num dos seus terraços próximo da atual povoação de Vilas Ruivas é, sem sombra de dúvida, a concretização dessas hipóteses além de constituir um promissor começo que, à luz do conhecimento, deixa patente uma consoladora realidade: Vila Velha de Ródão e o seu território são, desde os primórdios conhecidos, habitados pelo ser humano.

Ao constatar essa convicção - melhor: certeza - concedamos louros ao punhado de jovens investigadores que no nosso solo lêem como um livro aberto e escorreitamente escrito; honremos seu labor cientificamente apoiado; glorifiquemos as conclusões a que chegaram e nos patenteiam. Como natural de Vila Velha de Ródão e integrante, que se não renega, do seu povo, apresento-lhes as minhas sinceras e agradecidas saudações e faço votos para que o exemplo - fora ou dentro do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português - possa congregiar as melhores boas vontades para prosseguir, acarinhar e apoiar o valioso trabalho encetado, cuja valia e interesse fica insofismavelmente demonstrado com a presença de altas individualidades estrangeiras e nacionais que hoje aqui acorrem e que dão brilho e muito honram esta sessão. A todos saúdo com o preito da minha melhor estima e consideração.

LUÍS RAPOSO
ANTÓNIO CARLOS SILVA

do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (GEPP)
e do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (MNAE)

A transposição de um solo de *habitat* paleolítico de Vilas Ruivas (Ródão) para o Museu Tavares Proença


Ministério da Cultura e Coordenação Científica
Secretaria de Estado da Cultura
Instituto Português do Património Cultural
MUSEU DE TAVARES PROENÇA JÚNIOR
— Castelo Branco —

A notável prova de entusiasmo e dedicação, postos por essa plêiade de jovens, que pelo seu trabalho globalmente citei, correspondeu igualmente o entusiasmo, dedicado e dinamismo postos pela Direção desta Casa, na sua prestante parcela de labor, ao promover a condigna arrumação e guarda de parte do espólio encontrado. Os meus mais amigos e sentidos agradecimentos por tal feito. Mas, sem bairrismos que tantas vezes conduzem a exageros, como rodense que conscientemente conhece as obrigações de estar no mundo, como também não ignora os direitos que lhe assistem, não poderia neste momento olvidar que, além de outros, cabe às autoridades locais de Vila Velha de Ródão, em primeiro lugar, uma grande parcela de responsabilidade - se não a maior - pela preservação do património cultural e histórico da área que administram, como sempre tenho defendido, evitando o êxodo desse património para fora das fronteiras da sua recolha, mesmo quando, como é o caso do Museu Tavares de Proença, ele se encontre em boa e conveniente guarda, garantido que fique e não saia da nossa região. Há pois que materializar urgentemente a adaptação do edifício dos antigos Paços do Concelho de Vila Velha de Ródão a Museu/Casa de Cultura², por cujo projecto me bati quando responsável pela autarquia, significativamente ajudei, deixei aprovado e com verba votada para o seu início; abrir as suas salas, não para "lá meter as Portas de Ródão, o Castelo e o Pelourinho" como, entre outros dislates semelhantes, perguntava um pobre e irresponsável escriba de um paupérrimo e desacreditado pasquim local - este já falecido por falta de fôlego depois de ter sido um jornalinho que chegou a veicular algum conteúdo - mas, por fim, um e outro talvez identificados com garotices irresponsáveis.

É que essa Casa da Cultura, cuja possibilidade de recheio não oferece dúvidas - e será bem diferente daquela que o alucinado escriba fantasiou - integrada na rede dos possíveis, como é a nossa, e das muitas que fazem falta nesta esquecida zona que tanto amamos, e por cuja defesa e promoção nos batemos, com o Museu Dr. Francisco Tavares de Proença Júnior por centro, poderá e deverá implementar, nos

² Este projecto veio a concretizar-se através do Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento durante o mandato do Inspector José Baptista Martins, então presidente do executivo municipal pelo Partido Socialista (nota do editor).

domínios da cultura e do espírito, o conhecimento das populações locais nas artes e nas letras, através de exposições de pintura, temporárias, itinerantes ou outras expressões artísticas, assim como a realização de colóquios, palestras, conferências, etc. Desejável será a realização de tais manifestações decorrerem no sentido da captação da juventude, para a qual as portas destas casas devem estar francamente abertas.

Relativamente a Vila Velha de Ródão quero ainda deixar assinalado que, nos nossos valores locais ou a eles ligados - que no sendo muitos são bons - sempre encontrei receptividade para o previsto empreendimento destacando, de entre eles, o nosso laureado patricio pintor Manuel Cargaleiro, cujo prestígio no mundo das artes dispensa adjetivos, agora a encarar o seu regresso a Paris; o caricaturista tão incisivo que é Aniceto Carmona; os jovens João Carlos Caninas e o Francisco Henriques que, entre outras iniciativas têm a carta arqueológica do concelho prestes a ser concluída; o Dr. Joaquim Tomé, sempre muito atento e dedicado aos nossos problemas culturais; o Octávio Catarino, dos da primeira linha na defesa e desenvolvimento da nossa vida comunitária; o Aníbal da Cunha Belo, que às raízes do Povo vai extrair sumo para exemplarmente apresentar os seus modos de falar; o Arnel Afonso, nosso por afinidade, que tão proficientemente vem desenterrando notas do nosso passado; o meu querido Amigo Dr. Paulo Caratão Soromenho que, embora não tenha nascido no concelho de Vila Velha de Ródão a ele se encontra intimamente ligado pela origem dos seus maiores e foi, com os seus escritos, o detonador que fez deflagrar a ação de toda a iniciativa que levou à identificação da "Arte Rupestre do Vale do Tejo", que internacionalmente concitou as atenções de todo o mundo culto para a nossa modesta zona, e que, cremos, dentro de breve tempo, nesta Casa, ficará condignamente assinalada com a inauguração da sala a tal descoberta dedicada.

Embora aqui estejamos para inaugurar uma sala que muito diz ao concelho de Vila Velha de Ródão, solicito o perdão de V. Exas. de tanto me ter alongado na exposição de questões que a este concelho respeitam. Mas não me alongarei muito mais, excelentíssimas senhoras e senhores, pois que, para lá do que já nos foi

dado ver algo mais iremos escutar e admirar transmitido pela equipa³ que procedeu às escavações.

Só peço mais uns momentos de paciência para escutar o seguinte: ao usar hoje, aqui, da palavra, sentir-me-ia profundamente descontente comigo próprio se, do fundo do meu sentimento espiritual, neste preciso momento, não evocasse a memória do patrono deste Museu, Senhor Dr. Francisco Tavares Proença Júnior que, de forma tão proficiente, nos legou uma obra que pelo menos em toda a Beira Baixa é venerada e admirada. Mas para lá dessa obra, muito viva e palpável, fica ainda o exemplo, que não pode ser desligado das preocupações espirituais do seu tempo e indelevelmente marcam atitudes que, se hoje as seguirmos, como ainda parece ser propósito de muitos, só dignificaremos as nossas ações.

Uma outra breve palavra, esta relativa a quantos têm dirigido este Museu depois do falecimento do seu instituidor e patrono. Não citarei todos, do que contritamente me desculpo, mas não quero deixar de lembrar dois. Para o primeiro abrirei a minha referência com algumas palavras do meu distinto Amigo, senhor Dr. Ulisses Vaz Pardal que, referindo-se a aspetos da vida do Museu, cita com reconhecimento, no seu livro *Tempos de Censura*, "o seu ilustre e saudoso diretor, tenente coronel Elias Garcia" que, por certo a maioria de V. Exas. conheceu, e que nesta Casa e em Castelo Branco deixou um nome respeitado e dignificado pela sua conduta, e que ao Museu dedicou algo da sua forte ação, muita competência e saber; e, por fim, para a segunda referência, citarei o que atualmente dirige os destinos desta Casa de Cultura, senhor Dr. António Forte Salvado a quem, para lá da estima que nos liga, me vincula o profundo respeito por quem trabalha, como ele dedicadamente faz, buscando a elevação cultural desta nossa Beira Interior aonde nascemos e tem estado até agora despregada e espoliada por quantos há muito dividiram este retângulo chamado Portugal em clube de ricos e de pobres, seja quanto diz respeito às faixas do litoral e do interior - nós os pobres, do país. Na solenidade deste momento quero dizer-lhe, meu Excelentíssimo amigo: siga em frente, pois o

rumo que escolheu é o do caminho certo. E a todos que se empenhem em prosseguir nesse caminho aberto, o meu muito sincero Bem Hajam!

Domingos Alves Dias

³ Referência aos arqueólogos Luis Raposo, António Carlos Silva e restante equipa, membros do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (nota do editor).